

OS NOSSOS ESCRITORES



VI



JAIME de MAGALHÃES LIMA

bib^{POR}RIA

JOSÉ AGOSTINHO



CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
—
1911

Deposito Geral:
Livraria PORTUENSE, de Lopes & C.^a Suc.^{or}
119, Rua do Almada, 123
PORTO

70570
dupl.

Oferta
da família
do Dr. João
Sarabando

9445/10700



Referencias a
Camilo pag. 14

OS NOSSOS ESCRITORES

VI
bibRIA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

Comp. e imp. - Typ. Universal
de Figueirinhas & C.^a
Rua das Oliveiras, 75 - Porto

bibRIA

OS NOSSOS ESCRITORES



VI

Jaime de Magalhães Lima
JAIME de MAGALHÃES LIMA

FOR

JOSÉ AGOSTINHO



CASA EDITORA
DE
ANTONIO FIGUEIRINHAS
—
1911

Deposito Geral:
LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a-Suc.or
119, Rua do Almada, 123
PORTO

bibRIA

SUMARIO

Uma monstruosidade do Passado — A Meza Censoria — Torquemada e Escobar — A critica com o constitucionalismo — Como a Meza Censoria persiste — A hypocrisia — Que critica a Republica recebe das mãos da Monarquia — O que ela é, em geral — Como ha de haver Arte livre? — Como ha de haver escriptores e editores? — Os unicos trabalhadores livres — O faciosismo na politica e nas letras — José Caldas e Joaquim Costa — Emilio Littré e Augusto Comte — Madame Comte e Clotilde de Vaux — Uma liberdade que a Republica tem de conquistar — O heroismo português — Trabalhadores independentes — Verdades sobre Garrett — Verdadeiros livres-pensadores — Camilo, Inacio Pizarro, Pedro de Lima, Jorge Artur, Hamilton, J. A. Vieira, S. Dias, A. da Costa, A. T. da Silva Leitão e Castro, P. da Cunha, J. da Lemos, A. da Conceição, Guilherme d'Azevedo — Os Magalhães Lima — O dr. Sebastião de Magalhães Lima — Jaime Lima e o seu refugio — A sua vida moral e mental — Ideias de Malebranche, Pascal, Montesquieu, Guyau, Amiel e Fouillée — Constant Martha e Lucrecio e Epicuro — Jesus-Cristo e Tolstoi — A Terra — Impopularidade voluntaria — Heroismo perfeito — Filósofo na poesia, sociólogo no romance, pensador na critica — *Apostolos da Terra* — Amostras de estilo — *Via Redentora* — *Vozes do meu lar* — Um belo excerto — Eduardo Schuré — Defeitos — Melchior de Vogüé — O que seria desejavel na obra de J. de M. Lima — O romancista — Superioridade notavel — Julio Dinis e Camilo — A unica lei duravel da estética positivista — Uma afirmação de Lessing — Lessing e Winckelmann — A influencia de Platão e do pintor Oeser — J. de M. Lima e Balzac, Victor Hugo, Flaubert e Tolstoi — Eça de Queiroz e Julio Dinis — O romance *Na paz do Senhor* — Qualidades excelentes — Nem Pangloss nem Baudelaire — Tipos verdadeiros — Os romances *No Reino da Saudade* e *Sonho de Perfeição* — Verdadeiros modelos — O critico — *Menor e servo S. Francisco d'Assis* — Esquecimento das obras de Prudençano e Pardo Bazan — Guerra Junqueiro — Leonardo Coimbra — Superioridade de J. M. de Lima — *Alexandre Herculano* e *José Estevão* — Nem Planche nem Sainte-Beuve — Balzac e Werdet — Alfredo de Vigny — José Estevão, Danton, Robespierre, Lamartine e Mirabeau — Fernandes Tomás e e A. José d'Almeida — A conclusão dum belo livro — Serenidade nos processos criticos — Porque destacamos a figura de J. de Magalhães Lima.

bibRIA



UMA das monstruosidades do passado, e ainda com predomínio no presente, é a escravidão da consciencia. Horror e vergonha da Humanidade, foi Meza Censoria, depois de ser cátedra e pulpito, fogueira e pôtro, fôrça e anátema.

Julgou sempre sem autoridade de juiz, porque foi sempre verdugo. Nunca pôde ser lei pura, porque foi sempre suplicio e ignominia, patibulo.

Para cometer o seu crime com prestigio, com absolvição plena dos seus rancores, abrigou-se em todos os refugios sagrados e vestiu todas as túnicas luminosas: a túnica de Jesus-Cristo, a pretexto de Catão, o manto de Sócrates.

Tudo lhe serviu para armadura, escudo, auréola e máscara.

Entre nós, como em toda a Europa, esse monstro alapardou-se na rigidês da ortodoxia intolerante que apedrejou Fénelon, e mordeu o calcanhar branco de S. Francisco d'Assis. Deu a Torquemada o báculo do pescador Pedro e a Escobar o principado de S. Francisco Xavier.

Ululou, queimou, deturpou, assolou, enxertando a alma negra de Atila na haste aromal do Evangelho, voz e guia da Humanidade em jornada.

Veio, entretanto, a Liberdade no constitucionalismo. Como vitoria? Infelizmente mais como vingança do que como evolução. As verdadeiras vitórias não se vingam: destróem, mas construindo. A liberdade do constitucionalismo foi principalmente represalia e assim a velha intolerância não se extinguiu: deslocou-se, dissimulada, cavilosa.

Extinguiram a Meza Censoria? Decerto, mas não se extinguiu o espirito do faciosismo, meza censoria latente e multipla que perpetra os mesmos crimes contra a liberdade do pensamento e do sentimento.

O regimen constitucional opôs á intolerância a intolerância, ao odio o odio, ao despotismo sanguinolento, odioso em supplicios fisicos, a tirania da opinião preconceituosa sobre todo o trabalho mental.

E esta com um involucro repugnante: a hipocrisia. Todos são livres de opinião! clamaram os caudilhos de Mousinho da Silveira. Entretanto, quem ficava deveras livre era só a opinião dos dirigentes do regimen.

Divergir corajosamente dela era o escandalo. Se a obra intelêtual não ficava suprimida de direito, ficava-o de facto, tão excomungada, tão deprimida, que ninguem a lia.

Esta tirania mental e moral criou entre nós a critica, como da Monarquia a acaba de receber a joven Republica.

Os atuais governantes já a devem ter lobbado no seu antro, onde esperamos que a hão de sanear. Diz-se liberal e é absolutista. Diz-se justiceira e é pessoalista e sèteria. Apregôa independencia, e acarinha apenas vaidades individuais. Guia-se pela influencia dos habilidosos e audazes. Flagela os cabotinos e, afinal, para alcandorar muitos deles, ou desdenha dos honestos, ou beneficia estes com epítetos de misericordia, que são afrontas flagrantes, ignobeis.

Não têm, não póde ter, meios termos: ou turibulo ou chicote. Não arranca das trevas um desconhecido de merito, mas arraza de lentejoilas muitos nulos.

E, entretanto, todos se queixam de que a nossa literatura e a nossa arte tombam em decadencia.

Mas, porque não, se Portugal se tem regido sempre pela peor tirania, pela adulteração da Liberdade?

Como querem Arte livre sem critica livre? Como querem os escritores e os editores que o publico leia, se os poucos não analfabetos do país, em vez de *lêrem tudo para discutir tudo*, ainda têm diante dos olhos o seu *Index* conforme o partidario apaixonado que os domina?

Quem ha de trabalhar num *meio* assim? O verdadeiro trabalhador? Mas esse não procura nunca os criticos vulgares. Procurá-los é confessar baixeza, é ter até de oferecer deprimidamente jantares ou ceias, ou joias, a troco de elogios, é renegar implicitamente toda a ciencia e filosofia moderna, toda a razão e toda a fé e sentimento; é aceitar um qualquer partidario intoleroante; é pôr a Arte debaixo da tutela de qualquer efemero fetiche; é condenar-se a ser escravo do erro, se ele domina, ou da paixão se ela triunfa.

Ficam, pois, só vitoriosos e livres os maus trabalhadores, os que não têm sinceridade, os que não têm principios.

Em vão a Ciencia e a Razão lhes dizem que a Republica, por exemplo, em todas as suas demolições é compativel com todos os grandes principios, até com os dum elevado espiritalismo; que se póde ser cristão e ser democrata, obrigando o Estado a separar-se da Igreja dentro da justiça pura; clamando ao atual governo que não páre, que êrga o verdadeiro edificio da liberdade, que vá, pouco a pouco, demolindo e construindo, dando golpes energicos á Burguezia da agiotagem e erguendo os humildes, o Povo, dentro da consciencia desoprimida.

Eles não ouvem, nem pódem ouvir, tanto na vida politica como na vida artistica. Convém-lhes perturbar. Merece-lhes todo o apoio o Ca-

pitalismo que exploram. O que os preocupa é vencer depressa. Nunca é um ideal, porque este, quando sincero, é feito de toda a justiça, dentro de toda a austera tolerância. O que os atrai é a popularidade e ela, embora mais tarde por vezes de nada sirva, lisongeia agora o amor-próprio de quem nem possui talento nem caráter, de quem não é democrata se não para poder ser plutocrata.

E estes séticos de hontem e acomodaticios de hoje é que fazem a Critica contemporanea, raras vezes digna. Vemos que elogia ignobilmente, e incondicionalmente, só o correligionario, ás véses de ha minutos, ou só o que é audaz no pedir, ou só o que é habil no grangeio de amizades entre plumitivos, ou o que, algumas vezes, encontra a peso de oiro uma trombeta passiva e estrepitosa a aturdir a opinião, os ingenuos, os simples e, emfim, por contagio, os proprios cultos e inteligentes!

Onde está, pois, o lugar dos grandes e verdadeiros trabalhadores?

Raras vezes aparece. Para o corajoso e liberalissimo cristianismo de José Caldas lhe não negar a primasia de democrata, foi preciso que a Republica tivesse dado o exemplo da sua gloriosa imparcialidade, fazendo, do grande homem de letras, seu ministro em Roma. Assim, para Joaquim Costa na Espanha, morrendo na velha fé, ter a apoteose admiravel que foi o seu enterro, justiça

triunfal a um lutador de sempre, foi preciso que o partido republicano espanhol emudecesse os intolerantes negros e escarlates com a luminosidade e generosidade da obra do extinto, gloria peninsular e mundial.

Mas, que admira, se na França Emilio Littré deprimiu, não ha muitos anos, a progressão moral de Augusto Comte, favorecendo com azedumes e sofismas o odio estreito da Madama que nunca perdoou ao marido o predominio espiritual e as graças angelicas de Clotilde de Vaux? Não se esqueceu então Littré do valor mental de Comte só porque supôs apostasia sétaria o que era progressão psicológica? Poderemos nós ser superiores ao amado *figurino*?

Nada de estranhar é, pois, que tenhamos ainda, não já official, mas sempre prepotente, uma perfeita e absurda Meza Censoria.

D'aí esta decadencia mental e moral, toda reflétida na pequenês da Critica.

D'aí um dos grandes problemas da liberdade a conquistar. Talvês a Republica o venha a resolver lentamente, com profundas angustias intimas, tão crueis como as de tantos que, na melhor das intenções, para não excitarem os ódios dos cégos e dos furiosos, aparentam crer que a politica póde impôr a fé ou o ceticismo religioso, a velha ciencia, ora dogmatica ora metafisica no seu materialismo, ou a moderna, essen-

cialmente positivista, sim, mas porque não abre só os olhos da Razão, e dá emfim liberdade científica e pura aos do Coração.

*

A boa alma portuguesa, resplandesce de continuo em prodigios de heroismo. E o heroismo em Portugal está em toda a parte. E' condição ethnica. E' attributo de povo celta, beijado de perto pelo mar profundo e carinhoso.

Apezar de a nossa critica ter raras concien-
cias livres, houve sempre, e ainda ha, trabalhado-
res intelêtuais que sofrem pelo seu ideal sem
transigencia com o flagelo da impopularidade.
Nem todos se bandeiam com os favores da opi-
nião desvairada. Nem todos procuram na politica,
além dum talher, um carimbo com esplendor de
corôa. Ha ainda alguns que não perdôam a Gar-
rett elogiar-se a si proprio nas gazetas, e que,
só porque ele foi orador primoroso, homem do
mundo, legislador feliz, não vão negar que o
Arco de Santana é mediocre, que as suas poesias
liricas nunca excedem as de Soares de Passos,
Simões Dias e João de Deus, e que, se não fôra
o seu destaque politico, a beleza lapidar do *Fr.*
Luis de Sousa, da *D. Branca*, das *Viagens* e do
Camões, não teria encantado tanto aquêles mes-

mos que não viram no feroz Padre Macedo, caceteiro torvo de D. Miguel, o primeiro poeta didático de Portugal e da Península.

Ha muitos ainda que não descem á construção astuta da sua immortalidade, pondo-se á frente de todos os movimentos com probabilidades maiores de vitoria, vestindo-se de apóstolos e de leões, segundo o lance, ora usando óculos de profeta, ora vestindo mantos de senadores com um rochedo de Patmos á mão direita.

Por Deus, que ainda ha, e haverá sempre, em Portugal verdadeiros livres-pensadores e porisso heroicos, sem reclamo na sua abnegação e laboriosidade intrepida.

Anulam-nos? Respondem, trabalhando. Morrem ignorados na liça, ou sistematicamente deslembrados? A sua agonia é um sorriso; a sua resignação ilumina as gerações porvindoiras, e dessa luz vem a mais tarde a justiça inteira.

Assim succedeu ao próprio Shakespeare, esquecido durante dois seculos. Assim, entre nós, succedeu ao cronista Brandão que Alexandre Herkulano rehabilitou.

Assim foi visto, em plena gloria de Garrett, aquele alto poeta, que Camilo festejou, Inacio Pizarro de Moraes Sarmento, tão companheiro no olvido — sempre temporario dentro da justiça dos povos — de Pedro de Lima, de Jorge Artur, de Hamilton, de José Augusto Vieira, de Simões

Dias, de Antonio da Costa, de Antonio Tomaz da Silva Leitão e Castro, de Pereira da Cunha, de João de Lemos, de Alexandre da Conceição, de Guilherme de Azevedo, e de tantos, por vezes suplantados por homens muito menores.

E, atualmente, não sabemos doutro mais elevado de intellêto, mais verdadeiramente pensador e artista, do que Jaime de Magalhães Lima.

Quem é?

Ninguém em Portugal desconhece os Magalhães Lima. Um velho austero e popularissimo em Aveiro usou esse nome, legando-o a dois homens singulares de meritos, a dois irmãos: Sebastião e Jaime.

O primeiro entregou-se á onda do povo, dominando, arrastando por vezes os espiritos com um verbo ora romantico, ora rigido, talvez intolerante, mas talvez no intimo cortado de duvidas profundas. Expandiu-se brilhantemente no jornal, no opusculo, algumas vezes no livro. Galgando as fronteiras, bebeu no estrangeiro as sinteses mais sedutoras e novas, propagou-as com valor, com fé, com tenacidade, deu-se com elas todo á politica, fez-se combate e a seguir meditação para voltar a ser luta, ora quebrantada de melancolia, ora amargurada de decepções.

E' evidente que esse homem teve logicamente a popularidade que, afinal, nunca mendigou. Não a evitou, embora não a suplicando.

Não a desamou, embora pedindo-lhe por vezes ou mais justiça ou mais cordura.

Jaime ficou no seu lar e no seu jardim, ao pé das suas flores e das suas brumas. Como? Egoistamente? Fruindo a fortuna, o prestígio paterno, o renome do irmão, o livre amor da Arte? Responde por nós Sebastião de Magalhães Lima, numa tarde melancólica, nevoenta como uma utopia, dentro do seu pequenino gabinete da *Vanguarda*:

— Quem me dera ter a elevação mental e moral de meu irmão Jaime!

Eis uma definição alta e independente, digna como a Justiça sem mácula.

Jaime de Magalhães Lima refugiava-se: não fugia da luta. Do refúgio, fez o estudo; fez a consciência. Leu ali tudo, ouviu todos, e depois ouviu-se a si mesmo dentro de toda a liberdade. Tutela mental não a aceitou a ninguém; se a procurou mais tarde, foi porque a encontrou no caminho como voz de consciência alheia que concorda com a nossa.

Não se esqueceu da frase de Malebranche: Todos pretendem ter razão, ao seguirem afinal as sugestões dos seus sentidos. Compreendeu cedo aquêlê perigo que apontou Pascal no império do amor-próprio, império que significa o maior ódio á verdade, e viu, com o mesmo grande homem, que o principio da moral é esforçarmo-nos sempre por pensar bem.

Como literato, afê-se a ver a critica pelos canones suaves de Montesquieu, mais tarde ampliados por Guyau e, entretanto, a sua alma lavada avistava, e logo palpava, sem tortura, por livre intuição do fundo da sua Arte, as verdades de Amiel quanto ao *ideal* e ao *real*, quanto ao ceticismo, pai seguro da tirania, por mais que êle prêgue a liberdade. Encontrou tão luminosos limites á teoria da *superioridade da ação sobre o sonho* do referido Guyau, valetudinario antes dos 30 ânos, e morto aos 34, todo impellido sempre mentalmente pelo espírito de Fouillée, como ensanchas generosas para a delicadeza de Constant Martha, esse homem estranho que chegou a provar a religiosidade do poeta Lucrecio e do proprio Epicuro.

Nesta liberdade sã viu Jesus-Cristo no libertarismo genial de Tolstoi. Compreendeu que, assim como a arte da Grecia é um alento na mais larga vida da civilização cristã, assim a arte devida ao cristianismo palpita na sociedade futura, trazendo já a vitoria do espiritualismo nas lucubrações livremente experimentais da Ciencia.

Entretanto, o seu refugio não lhe fêes esquecer a Terra, *meio* indestrutível das manifestações da sua alma, e amou-a, e cantou-a, e não lhe negou um culto sadio e amavel.

Mas tudo isto não rogando favores do publico, nem os da bolsa nem os da fama.

Resignando-se com a relativa impopularidade duma obra profunda, independente de facciosismos, livre de conveniências estreitas. Não procurando o plúmítico hipernóico, o correligionário maleável, o agitador apoteótico, o reclamo do amigo, a fúria do inimigo, o escândalo do indiferente, nada do que atrai atenções, do que provoca discussões, do que escalda temperamentos.

Tudo isto como um regato no ruído dos passos, embora como um grande rio no poder de corrente. Tudo isto duma maneira silenciosa, ainda que penetrante, como os bons aromas.

E, nisto, vindo as cãs, e com elas a pureza maior, a elevação da filosofia esotérica, a radio-sidade da arte, a paz perfeita do coração, a santidade e maior verdade da palavra, não veio a popularidade.

Não admira. Ilogico seria o contrario. Tolstoi precisou de escandalizar a Europa, embora involuntariamente, para se reconhecer como era um genio moral e mental. Jaime de Magalhães Lima, avisado pelo exemplo do Mestre do Caucaso, não pôde ser precipitado na justiça pelo escândalo involuntario sequer. A sua modestia, verdadeira a ponto de ser excessiva, até desse destaque o afasta. Facilmente se vê quanto ha de heroico na virtude perfeita, e o notavel escritor é dos poucos que ao talento superior junta a virtude sincera.

*

Jaime de Magalhães Lima, com aquelas barbas de neve, com o olhar plácido e franco dum velho cristão, vegetariano, simples em todos os hábitos, é um poeta-filosofo, um romancista-sociólogo e um critico-pensador.

Como poeta, não escolhe o verso: maneja com fulgor e nitidez uma prosa opulenta e, ao mesmo tempo, substancial. A sua poesia é a sua fé no maior amor de todos. Combativa? Sempre, mas porque é inabalavelmente tolerante. A combatividade raivosa denuncia ou doença da alma ou enfermidade pessima do caráter. Jaime de Magalhães Lima tem a saúde perfeita e tranquila no corpo e na consciencia.

Quais os seus poêmas? Abram os um: *Apostolos da Terra*. E' um rosario de melodias doces e profundas á Natureza. Em cada melodia a emergencia duma verdade, por vêses tão heroica que é a confissão duma culpa, só insignificante aos olhos dos nulos. Mas isto numa enorme e solida ciencia, como numa erudição rara. Isto, com um estilo original e sincero, vernáculo e vivo, como o atestam as seguintes rapidas amostras.

Na *Sede de Brancura*: «Tem sêde de brancura a nossa alma, de brancura que corra como o sangue e seja casta como a madrugada.

A neve, o diamante, aguas e nuvens são brancas, mas debalde lhes pedimos que palpitem e ministrem comunhão na translúcida essencia do seu brilho.

Desliga-as do bater dos corações uma calma frieza sem piedade, como se fôsem estranhas ao seu ritmo, ou passassem de longe, ignorando a constante agitação d'amor que os faz pulsar».

Na *Irmã do Mar*: «Misterio!... E' bem salgado o mar e a seara é dôce. Encerra o trigo a esperança de crescer, o latejar do sangue e do calor que alimenta a beleza a mais gracil e a consciencia austera e redentora na profunda expressão do seu poder. E' corrosivo o mar e, destruindo, nem ás pedras perdôa, desunindo a liga cristalina que se fêz na pureza sublimada d'altos fôgos. E vivem ambos, a seára e o mar, na eterna agitação do seu anceio!... Quem sabe?! Talvês sôfram ou se exaltem no delirio do mesmo amor, sagrado por destino de quem sem êrro guia os sóes e o mundo no triunfo divino da Harmonia».

E o mesmo alto ideal, puro sentimento, e por vêses estudo de árduos problemas, nos outros poêmas em prosa, *Via Redentora* e *Vozes do meu Lar*. No primeiro dêstes, e tambem para exemplo do estilo do notavel escritor, bastam estes periodos do belo canto que é *A Enxada*:

«O cavador ergueu-a novamente. Rompe o sol; sobre os carvalhos loirejou fulgores; dissipa

a treva na montanha; beija certamente a lamina polida; e a enxada, em sagrada ancia de triunfo, inunda o arvorêdo e a seara de clarões de estrêla. Batisou-a o fogo no rubor da forja, e deu-lhe a pureza, diamantina voz, para entoar os cantos da luz celeste».

Não ha aqui tanta espiritualidade moderna e sã como no melhor trabalho de Eduardo Schuré?

Não é aquêlo estilo simples, limpido, espontaneo e, ao mesmo tempo, magnifico de eufonia e graça?

Comtudo, será o escritor sem defeitos? Não, até porque, como é logar-comum dizer, os tiveram Milton, Dante e Camões. Por vêses, ha na sua prosa poetica raptos que se esquecem demais de quem os pôde ver. Fógem demasiadamente do espirito dos mediocres, o que contradiz involuntariamente, mas de facto, todo o seu generoso e completo amor aos humildes. Neste ponto ha bastante da pecha principal de Melchior de Vogüé: aristocracia involuntaria dentro da elevação ardente duma Arte que só pretende, afinal, fecundar a alma do Povo, porque até, não sendo assim, seria descabida.

D'aí, algumas obscuridades no estilo, raras, muito raras, dignas de emenda, porém, e ainda o uso aqui e ali de epitetos eruditos, mas gastos, crispados de sonoridade emfatica.

A's vezes, um mal grave—a como que con-

vição de que mais escreve para si proprio do que para o seu tempo e para a sua geração.

E porisso, apesar de frequentemente cristallino, limpido, adoravel de verdade, de sentimento de vida, nestes poëmas em prosa destôam a espaços requintes preciosos, só acessiveis alguns aos espiritos altos e muito cultos. Este defeito não aféta demais a obra no valor intrinseco: priva-a de ser frutifera em toda a sua intensidade, o que é sempre deploravel num *meio* como o nosso, assim inculto, esteril, carecido de verdadeiras obras.

A filosofia de Jaime de Magalhães Lima reclamaria trabalhos de muito graduada perfeição plastica, a começarem quase sem estilo, como quem palestra com crianças e simples. Só assim este povo, tão atrazado e desorientado, mas tão inteligente e bom, poderia, pouco a pouco, perli-bar o mel precioso, colher todo o dôce impulso da verdade livre, compreendendo e vivendo o que a má fé certa de invejosos ou de sètarios aponta com facilidade como arte egoista ou impenetravel, se não como devaneio lunático.

Já como romancista, o seu intento de dar o verdadeiro realismo lhe inspira uma arte superior na comunicabilidade, uma fôrma sempre transparente e, comtudo, original.

Os seus romances, depois dos de Julio Dinís e alguns de Camilo, são os mais perfeitamente

portuguêses da nossa literatura de ha 60 ânos. Não são muito lidos. Nem por isso deixam de ser modelares.

Jaime de Magalhães Lima entendeu, como poucos, o romance moderno, sem as taras do excessivo romantismo, ou do excessivo realismo, inversão positiva do primeiro.

Espiritualista corajoso, muito superior, não desprezou a unica lei duravel talvez da estetica positivista: «A Arte deriva do sentimento e idealisa a realidade».

A rigor, não poderia êle dizer como Lessing: «Se Deus tivesse a verdade na sua mão direita e na esquerda o amor sempre inquieto a verdade, e me dissesse:—Escolhe!—eu, ainda que me condenasse a enganar-me eternamente, optaria pela esquerda. Pai—dir-lhe-ia eu—a verdade é só para ti». Não. Jaime de Magalhães Lima não tem a febre da verdade, porque a encontrou plenamente,—e disse está convencido. Outra febre sagrada o empolga: é a de ensinar a verdade que professa, ensiná-la na doutrina e no exemplo.

Falamos em Lessing, e o nome deste ingente torturado traz á memoria o do critico Winckelmann, seu colaborador radioso na purificação e dignidade maior da critica alemã.

E' que um e outro foram dois excessos, dois exagêros combatentes e por certo Jaime de Magalhães Lima, que tanto preza Carlyle, se apai-

xonou, conhecendo o primeiro, pela orientação alegorista do segundo, todo embebido na alma angelica de Platão, mas também muito tolhido pela estética exangue do pintor Oeser. Porém, — di-lo a sua obra — soube achar o meio termo, como, especialmente no romance, pôs no seu lugar Balzac e Vitor Hugo, e saudou a magnificência de Flaubert sem deixar de amar a concisão espiritual de Tolstoi.

Tendo esta pujança moral e mental, não se iludiu com o cinismo brilhante de Eça, ora acrata ora aristocrata, nem se algemou na idealização, por vêses excessiva, de Julio Dinís, embora este seja o nosso verdadeiro e grande realista, o Maior dentro dos sentimentos nacionais.

A prova do que afirmamos assim está em qualquer dos romances de Jaime de Magalhães Lima.

Na Paz do Senhor. A análise póde, a espasos, ter demasias, hoje repelidas na morte plena do zolismo.

Não demasias de crueza moral, mas de pormenores que já o Eça detestava no fim da vida.

Mas é rigorosa, metódica, pura. O *meio* emerge inteiro e real, nosso. Não é só o descritivo magistral e animado que o revela: são, principalmente, os caracteres e o enredo.

O que não ha é o predominio pascóvio dos òtimismos á Pangloss (degeneração do romantismo), nem os pessimismos sádicos dos Gour-

mont (realismo triunfante). O meio é *real*, tem aspétos bons e maus, e a moralidade, deixando os sermões, aliás brilhantes, da *Cabana do Pai Tomás*, resulta lógica, sem vergonha de existir, sem medo de cair no ridículo.

Tipos verdadeiros, excelentes: o Valadares, tão nosso, o Antonio Carvalhaes—que a Republica vai ter pela prôa nas proximas Constituintes—o Monteiro, o Mirandinha, o Frederico e o Prospero, este mais vulgar do que os criticos imaginam. Realidades puras: a D. Rosa, o Carlos de Macedo, o Duarte de Melo e a mulher, a Isabel e o seu Basilio—nada parecido com o lustroso mandrião do Eça. A abnegação do Frederico, principalmente, soberba de verdade. Não é um corruto, mas tambem não é um santo. Não é um genio, mas tambem não é um espirito mediocre. O seu sacrificio tem a nódoa dum egoismo, mas é humano dentro duma consciencia iluminada.

E no *Reino da Saudade* e no *Sonho de Perfeição*, a mesma larga vida concècional, o mesmo espirito de religiosidade cristã, mas purissima, caratères nitidos, descrições primorosas, noção profunda da vida agricola, da burguesia-esponja, do preconceito-pólvo, da paixão-álcool.

Tudo assim, igual, perfeito, espontaneo, sem desmandos gritantes, sem covardias morais, sem claudicancias do inteléto. E eis o que sobeja para dar ao nosso romance um rumo seguro e radioso

que na França, apesar dos romances-poêmas e dos romances-sociais da escola hodierna, espiritualista-positivista, ainda não foi traçado com gesto definitivo. Mas esse rumo, se o não querem ver, ha de impôr-se. Se o árabe diz a verdade, quando afirma *que os cães ladram, mas a caravana passa*, menos se iludirá quem vaticinar caminho seguro á caravana, só porque coaxam algumas rãs, chamando *desfastios* aos *Contos do Natal* de Candido de Figueiredo, ou a qualquer deliciosa revelação da arte verdadeiramente portugêsa á qual Jaime de Magalhães Lima não dá só muito trabalho, como muito talento e muita conciencia.

E' lógico que mentalidade tão robusta e sentimento tão sincero dêem um critico notavel. Tal o é Jaime de Magalhães Lima no livro e no jornal, e com o esplendor dum eminente e livre sociólogo, dum democrata livre, sincero, altissimo.

Neste ponto, a nosso ver, a sua obra-prima é aquêlê livro, cheio de modestia e luz, d'amor e verdade, chamado *Servo e Menor S. Francisco d'Assis*. Bem sabemos que o critico se inculca como simples decalcador de Sabatier, como, de passagem, sabemos com estranheza que, lendo Macdonell, Howel, Lechwer, etc., se esqueceu de Prudenzano e da amôravel Pardo Bazan, nada

despiciendos na psicologia admiravel do Patriarca mais republicano da Egreja.

Mas, em toda essa obra sadia e profunda, o seu espirito clarividente, por mais que o oculte, surge com evidencia gloriosa. A narrativa de honesto biógrafo denuncia a vida filosófica de quem a faz, e essa é por vêses muito mais afim do espirito imaculado do Santo, modelo de Democracia pura, do que o do proprio Sabatier, apesar de mentalidade prodigiosa.

Admiradores conhecidos de S. Francisco d'Assis são Guerra Junqueiro e todos os modernos poetas de alma. Um orador brilhante, coragem real no nosso *meio*, Leonardo Coimbra, rasgada democracia numa consciencia livre, terá dito, ou poderá dizer-nos ainda, muito da elevação scientifica que vive na espiritualidade do imortal revolucionario de Assis. Nenhum, porém como Jaime de Magalhães Lima fêz, do espirito do Santo, o seu proprio espirito.

Nenhum, pois, quanto a nós, póde exceder o valor modelar da sua critica em assunto que é todo da sua alma, na crença convicta, no anseio intimo, no aperfeiçoamento progressivo da bondade, vida livre e fecunda da sua intelligencia e do seu coração.

Estudando Alexandre Herculano e José Estevão, Jaime de Magalhães Lima não pretende fazer estudos integrais. Colhe alguns aspétos,

para ele predominantes, e, como *vê* sem preconceitos e tem uma linguagem nobre, pura, original, deixa dois livros primorosos, perfeitos, completos.

Não tem, não póde ter, a dureza rígida de Gustavo Planche. Este, como dizia o justicador de Balzac, Edmundo Werdet, era—egoista, de coração de aço, de torso do Antinous, de pernas de argila, implacavel com tudo que não fosse obra sua, de estilo corrêto, mas seco e frio.

Jaime de M. Lima é forte, mas tolerante, magestoso mas simples como os patriarcas biblicos.

Ninguém póde tambem esperar dele a venalidade de Sainte-Beuve, o seu espirito de intriga, capaz de felonias como a que perpetrôu com o enorme poeta Alfredo de Vigny, o pessimista dolorido.

A grande bondade de Jaime de M. Lima, genializada por uma intensa paciencia, afastam-no da cólera, e a sua desambição perfeita livra-o por completo de transigencias com o logar-comum e com o estrondo sêtario.

Assim, José Estevão é por êle rehabilitado contra os fanaticos de qualquer campo.

Não, o feroso tribuno não foi Danton, vulcão, impeto cêgo, catapulta muitas vezes salpicada de sangue.

Não foi, porém, Robespierre, razão fria, espiritualismo e egoismo, astucia e fé em aliança assombrosa.

Com o vigor do primeiro, não teve a sua impudencia: com o bom-senso do segundo, não teve a sua hipocrisia.

Foi muitas vezes Lamartine, até no pleno gosto artistico e no sonho, e foi nos raptos bastante Mirabeau; um Mirabeau com a visão melhor da moderna sociologia, e portanto sem a mascara disforme do homem-tempestade.

No fundo, a sua eloquencia era toda de bondade, como a de Fernandes Tomás em 1820, como a de Antonio José de Almeida no nosso tempo.

Se trovejava, os seus raios eram farois, não eram agentes de cega ruina.

Parece esta a conclusão synthetica do belo trabalho de J. de Magalhães Lima sobre José Estevão.

A figura de Alexandre Herculano não a viu com a minucia, tantas vezes arbitraria, de Taine; viu-a com a verdade ampla dum patriota e crente que nunca esquece o que a patria e a fé representam na grandeza da Humanidade.

Assim, a conclusão do seu trabalho sobre o maior e mais austero vulto do nosso romantismo deriva sem esforço, luminosa na sua singeleza, das belas paginas em que estudou o grande escritor e grande cidadão—*Alexandre Herculano*, diz, *a todos honrou igualmente, engrandecendo-se e legando-nos um exemplo unico e supremo na historia do povo português.*

Dizer isto, depois de o provar sem estridor como sem desfalecimento de fé, com vistas sempre originais e sinceras, num estilo belo, com profundas noções científicas em todos os aspétos encarados, significa uma obra primacial, uma obra de eleição, e, na essencia, uma completa obra de propaganda da Verdade Maior.

Não aparece o lenhador, e sim o sementeiro.

O machado e o bisturi trocam-se pela char-rua paciente e pela luz do sol sem nuvens.

O critico não é a torrente cataduposa: é o rio poderoso, mas placido, que nunca reflete nas aguas pedaço de céu que não seja amorosamente azul.

Mas, se o supondes lago apático, enganais-vos: a sua serenidade é cheia de vida, e tanto que as suas aguas, porque são perfeitamente puras, são adoravelmente limpidas.

A's vezes até, a profundidade da vida lhe dá murmurios de oceano: é o salmo intenso das crenças perfeitas.

E' a Conciencia livre, a qual, por mais serena que se eleve, tem sempre muito de Mar e como que de abismo.

Compreende-se talvêz agora como é que este crente é, afinal, um avançado socialista, um ardente libertario.

Como seu irmão Sebastião, procura a Patria Nova. A diferença está apenas nos caminhos.

Aquêles quis ver primeiro em terra o Trono que machadou durante 30 ânos.

Jaime nunca se preocupou com as velharias do Passado. Sem as ferir diretamente, rasgou com coragem e fé a verêda do Futuro e, parecendo conservador, é o mais avançado revolucionario.

Porisso a sua nobre tolerancia é o mais valente grito de guerra.

Quem assim é tolerante tem a certeza de que o Erro cái de per si á simples aparição de toda a Verdade.

*

bibRIA

Jaime de Magalhães Lima é talvez assim, visto como que num simples instantaneo.

Fotografado em todos os seus aspétos, seria o mesmo que pedir para êle em vida uma estatua, mais justa do que a de alguns, nunca tão livres de consciencia e honestos de verdadeira arte como este escritor, que é notavel por isso mesmo que muitos teimam em não o notar.

Nem o nosso caráter nem o dêle—e este muito menos—se comprazem com o mais justificado fetichismo.

Para êle, como para nós, a obra é valor da ideia e não do homem.

O espirito hoje perfeito foi imperfeito, evo-

lute, e, resplandescente agora, tem ainda sêde de perfeição maior. Não ha grandes nem pequenos, se não de momento. O verme de hoje ha de ser colosso ámanhã. O gigante da actualidade foi anão nas trevas do passado.

Apontar Jaime de Magalhães Lima dentro da justiça perfeita, não é, pois, elogiar o individuo: é apelar para um belo manancial de ideias e sentimentos de amor e verdade.

Ha de um dia a literatura dar-lhe o lugar devido. Isso não nos preocupa. O Futuro dignifica sempre o Passado. O que nos póde doer é que muitas almas sequiosas desconheçam tão bela fonte de noções moraes e mentais e se privem, por ingratidão mesquinha do *meio*, do pão artistico e espirital que uma obra tão superior, como a de Jaime de M. Lima, lhes póde ministrar com grandes frutos para a Democracia e para a Verdade.

Esse prejuizo causa horror.

Estão secas as fontes verdadeiramente cristalinas da nossa Arte. Em vês delas, superabundam chafarizes exóticos, canalizando e repuxando aguas duvidosas.

Quem desconhece o intoxicamento moral que elas semeiam?

Quem não comprehende que a nossa jóven Republica precisa de as vedar em beneficio da boa saude da querida Patria Portuguesa?

Livraria Portuense, de Lopes & C.^a—Successor

119, Rua do Almada, 123—PORTO

JOSÉ AGOSTINHO

OS NOSSOS ESCRITORES:

I— <i>Guerra Junqueiro</i>	100
II— <i>Teófilo Braga</i>	100
III— <i>José P. de Sampaio (Bruno)</i>	100
VI— <i>Jaime de Magalhães Lima</i>	100

LUSIADAS, prefaciados, parafraseados, anotados, e com um vocabulário, cada tomo ou canto, br. 150, enc. . .	250
LUSIADAS em 2 vol., br. 1\$500, enc.	2\$000
LUSIADAS em 1 grosso vol. os dez cantos, enc.	1\$600
A MULHER EM PORTUGAL, br. 500, enc.	700
O HOMEM EM PORTUGAL, br. 600, enc.	800
O CAMINHO DAS LAGRIMAS (romance historico) br. 600, enc.	800
O PADRE ANTONIO (2. ^a edição refundida) br. 400, enc.	600
POEMA DA PAZ, br.	400
MONSTRO, drama em verso, br. 400, enc.	600
DEFINIÇÕES — (verso)	200
As Noites do Avozinho—BELEZAS DA HISTORIA DE PORTUGAL, cada fasciculo, broch. 100, enc. . .	250
FABULAS, (verso) br. 200, enc.	400
ALEXANDRE HERCULANO, br. 500, enc.	700
EÇA DE QUEIROZ (2. ^a edição aumentada) br. 300, enc. .	500

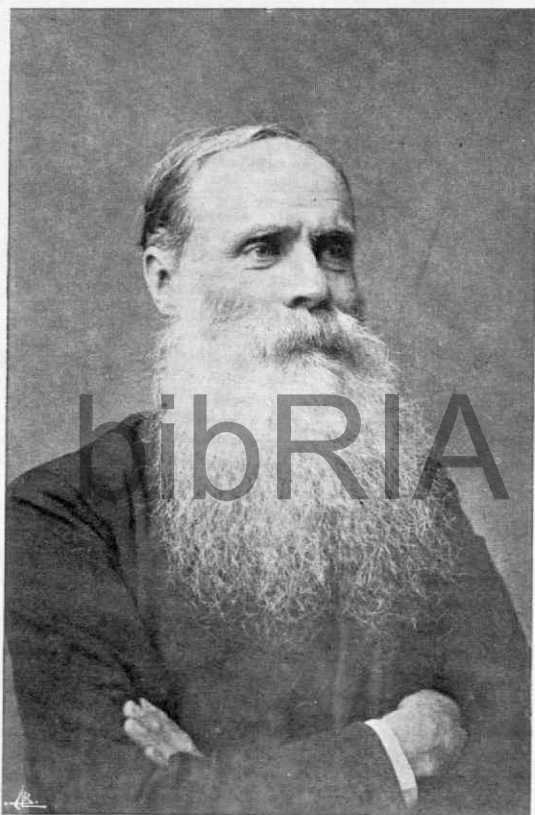
D. ANTONIO DA COSTA

HISTORIA DA INSTRUÇÃO POPULAR, 1 vol. br. 500 reis, e enc.	700
NO MINHO, 1 vol., br. 500 reis, enc.	700
TRES MUNDOS, br. 500 reis, enc.	700

ALVARO DE MAGALHÃES

O SECRETARIO, br. 500, enc.	700
-------------------------------------	-----

S



Jaime de Magalhães Lima